O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem.....	4$000	2$000		
Extrangeiro e India.....	5$000	2$500		

33.º Anno — XXXIII Volume — N.º 1120

10 de Fevereiro de 1910

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

As Exequias por alma de El-Rei D. Carlos e Principe D. Luis Filipe

SUAS MAGESTADES EL-REI D. MANUEL E RAINHA D. AMELIA E SUA ALTEZA INFANTE D. AFFONSO, SAINDO DA SÉ

(Instantaneo Benoliel)

Chronica Occidental

Houve um tempo em que o boi, o boi que todos nós conhecemos desde a charrúa até ao meiobife, se tornara para os egipcios a expressão mais completa da divindade sob a fórma animal. Ficou celebre o boi Apis, que não teve pae, por haver a vaca da mãe fecundado a um raio de luz celeste. Era preto, com uma mancha branca triangular na testa, uma figura de abutre de azas abertas a toda a largura do lombo, e na lingua a imagem de um escaravelho. Vivia este boi no templo de Phtah em Memphis, onde recebia honras divinas que lhe prestavam os sacerdotes, e era servido por donzellas todas nuas. Tinha as hastes doiradas, e varios ornatos simbolicos e signaes hieroglificos espalhados pelo corpo.

Assim enfeitado e preparado, passeava de tempos a tempos o boi Apis em procissão pelas ruas da capital, com grande acompanhamento de homens e mulheres e creanças mascaradas, entoando-lhe himnos. Rodeavam-no as donzelas do seu serviço sempre em pêlo. E tudo isto era uma festa famosa por que davam o cavaquinho os egipcios, que a repetiam sempre que podiam.

Festas que tambem fôram famosas e famosas ficaram sendo, eram as bacchanaes da Grecia e da antiga Roma. A principio só as mulheres podiam tomar parte nellas, mas depois fôram tambem admitidos os homens, e por fim era já tão fóra das marcas o regabófe, que o Senado teve de as proïbir. Cobriam se as bacchantes com pelles de tigre, desgrenhavam os cabellos, coroavam-se de folhas de hera, e com um thirso de pampanos verdes na mão gritavam como umas perdidas: *E'voé, évoé!* que era como que uma saudação a Baccho triunfando dos gigantes.

Depois das bacchanaes vieram as saturnaes, estas em honra de Saturno, o deus lendario, que fôra expulso do ceu por comer os filhos como quem come borrachos com arroz, e que fôra habitar a Italia, no reino de Jano. Memoravam taes festas a estada ali do deus expulso, no seu exilio do céo, durante um tempo que se ficou chamando a idade de oiro, e a que Camões assim allude:

> Vivia então a gente moderada;
> sem ser a terra urada dava pão,
> sem ser cavado o chão as fructas dava;
> nem chuva desejava, nem quentura,
> suppria então natura o necessario.

Emquanto duravam as Saturnaes, fechavam-se os tribunaes e as escolas. Os escravos consideravam-se libertos nesses dias e vestiam-se com as vestimentas dos senhores, que os serviam á meza. Todos os ricos repartiam um pouco da sua fortuna com os pobres, e o povo, celebrando a alegria d'esses dias, mascarava-se e vinha para a rua em grande folia, sem editaes do governador civil nem perigo de ser preso. Os patricios divertiam-se tambem quanto podiam, promovendo bailes magnificos em que appareciam vestidos com longas tunicas pretas encimadas por largo cabeção, que foi o que depois se transformou nos dominós de Veneza, que são ainda os do nosso tempo.

O christianismo acabou com as saturnaes, e Santo Agostinho, S. Cipriano e S. Thomaz condemnaram as mascaras por se lhes afigurar em «rostos do demonio». Vem porém o seculo VII, e outra vez se lança o povo em festas desbragadas, em que o boi e o burro são honrados como representação material da força e da humildade. Escolhia se um estouvado a quem se chamava o «pápa dos loucos», e durante tres dias andava elle pelas ruas escarranchado num asno atrás do boi gordo. Seguiam-no homens e mulheres em estapafurdios trajos, e tudo acabava em medonho regabofe dentro da cathedral, onde se comia e bebia até não se poder mais.

As festas do carnaval em Veneza e em Roma, trazidas pelo seculo XVI, fôram então um deslumbramento de riqueza, de graça e vivacidade.

Ahi se crearam os tipos alegres do polichinelo e do arlequim. A França fez tambem do tempo de carnaval um tempo de divertimento sem peias, chegando os frades a representar comedias de grande galhofa, e a promover desenfreadas dansas, fazendo outro tanto as freiras, que se vestiam de homem com calções justos á perna e espada á cinta! O rei Luiz XIV imprimiu ao carnaval francês o esplendor maximo, mascarando-se elle proprio, introduzindo este exemplo em toda a côrte, o uso da mascarada.

Em Portugal, o carnaval foi sempre celebrado com arremeços de laranjas, ovos, alqueires de tremoços e terriveis esguichos de seringa, sem esquecer quantos tachos e panelas de barro se rachavam durante o anno, e iam sendo guardadas para o entrudo. Grandes, mas inuteis têm sido os esforços até agora empregados para dar ao carnaval português uma feição delicada, fina, espirituosa. Atravez da camada do verniz civilisador rebenta sempre a reminiscencia pagan, em toda a sua impetuosidade orgiaca.

Ha quem diga que o entrudo tende a acabar, e quem até diga que elle está chegado ao seu fim, dado que as sociedades modernas offerecem outros attractivos, têm outros processos de divertimento; mas a verdade é que, embora de longe em longe, e como que por um impulso atavico, parece que retrocedemos sempre ás eras mithologicas, e estamos sempre prontos a acceita-lo, apezar de decrepito, apezar de engelhado, apezar de nauseabundo e estupido.

Como um Ashavero truanesco, immorredoiro como a personagem da lenda, o entrudo não pára, não descança; e ainda quando este mundo tenha fim, como tanta e tão boa gente crê, nem assim se acabará para elle o fadario cruel, e a sua sina é ir continuar a cumpri-la noutro mundo, romeiro eterno, cada vez mais andrajoso e miseravel.

Diz-se que o carnaval é alegre, estouvado, plangente, buliçoso, sensual, pitoresco ou elegiaco conforme o temperamento dos povos que o commemoram. Em Portugal, o carnaval é tolo e porco. Nem sempre foi tolo, mas foi sempre porco. Hoje, é porco e é tolo. Dizem os velhos que ainda o conheceram alegre. Talvez. Agora é que já nem isso, e compreende-se: por muita que seja a leviandade do espirito, por mais paralisada que esteja a fibra do sentimentalismo, só por mentirosa afectação poderia refulgir o prazer na face, quando a alma tão inquieta anda. Nós bem sabemos que é hoje terça-feira gorda; mas o que será o dia de amanhan?

João Prudencio.

As exequias por alma de El-Rei D. Carlos e principe D. Luis Filipe

Passou no dia 1 do corrente o segundo anniversario da morte de El-Rei D. Carlos e do Principe D. Luis Filipe. Nesse dia celebraram-se exequias officiaes na Sé de Lisboa, assim como nas paroquias da capital e das provincias se fizeram eguaes sufragios, por iniciativa dos parocos e de varias corporações officiaes e particulares.

Os sufragios por alma dos falecidos monarca e principe começaram ás 7 horas da manhan com uma missa resada por Sua Eminencia o Patriarca D. Antonio, no altar do panteon real de S. Vicente.

Pelas 9 horas chegaram ao panteon real Suas Magestades El-Rei D. Manuel e Rainha D. Amelia, com o sr. conde de Sabugosa, mordomo-mór. sr.ª condessa de Figueiró, dama da Rainha, srs. conde de Figueiró, veador, coronel José Lobo, ajudante de campo, capitão de fragata Moreira de Sá, official ás ordens, e conde de S. Lourenço, camarista. Suas Magestades eram aguardadas á porta do templo por Sua Eminencia o Patriarca com seu secretario, mordomo, capelão e pelos srs. marquês do Lavradio, D. Thomaz de Mello Breyner e D. José Belmonte.

Ali assistiram Suas Magestades a uma missa resada pelo capelão da casa real, rev.º Fiadeiro. Aquelle acto religioso passou-se como que em familia, no mais piedoso recolhimento, em que muitos olhos se marejaram de lagrimas, com a recordação do rei e do principe que ali repousavam depois dos tragicos acontecimentos que lhes puzeram termo á vida.

Retiraram-se de S. Vicente Suas Magestades e cometiva, e ás 11 horas davam entrada no templo da Sé para assistirem ás exequias officiaes, a que tambem compareceu Sua Alteza o Infante D. Affonso.

Numerosa foi a assistencia á funebre ceremonia. O grandioso templo da Sé encheu-se quasi completamente com a representação official, pouco restando para o publico.

Compareceu toda a côrte e grandes do reino, ministerio e presidentes das duas casas do parlamento, pares do reino, deputados, corpo diplomatico, altos funcionarios militares e civis, contingentes das escolas do Exercito e Naval, Colegio Militar, corpos da guarnição e algumas deputações particulares, sendo a guarda de honra, dentro da egreja, feita por 40 archeiros.

A missa, celebrada pelo rev.º conego chantre dr. José Diniz de Carvalho, foi seguida de *Libera-mè*, dando a absolvição final Sua Eminencia o Patriarca D. Antonio. O regimento de infantaria 16 deu as descargas da ordenança, no fim das exequias.

Na cidade do Porto tambem se celebraram exequias solemnes no grandioso templo da Lapa, com numerosa assistencia de todo o corpo official e de particulares, presidindo ao acto religioso o Ex.mo Bispo D. Antonio.

Uma força do regimento 18 de infantaria fez a guarda de honra e deu no fim as descargas.

NOTAS LYRICAS

S. Carlos

Antes de entrarmos na apreciação da opera *Wally*, que foi cantada agora no nosso theatro lyrico pela primeira vez, daremos algumas notas biographicas de duas cantoras que pisaram pela primeira vez o nosso palco de S. Carlos, a sr.ª Clara Joanna e a sr.ª Emilia Scafidi.

A soprano dramatico Clara Joanna é uma artista que conhece todos os segredos da arte lyrica, pois que além de possuir uma boa escola de canto, a sua voz é bem timbrada, dando todo o calôr á acção dramatica! Foi discipula do conhecido professor de canto milanez A. Leoni, obtendo desde logo sensiveis progressos. Depois fez a sua estreia em Torino no *Mefistofeles*, de Boito, cantando logo em seguida ao lado de celebridades nos theatros de Parma, Milão, Florença, Genova, Napoles, e em Paris na estação italiana, ao lado de Caruso, Bonci e da nossa Regina Pacini.

No nosso S. Carlos fez a sua estreia na *Aida* sem ensaio algum, confirmando desde logo os creditos de boa cantora de que vinha precedida. O seu temperamento, demasiado dramatico, traduziu toda a musica bellamente. Estamos certos que deverá cantar ainda a *Wally*, uma das suas coròas.

Outra cantora de merecimento é a sr.ª Emilia Scafidi. Ainda no começo de carreira, já revela qualidades apreciaveis. A sua passagem pelo nosso theatro, marca na sua carreira um grande triumpho! Tem cantado entre nós o *Rigoletto, Carmen, Wally (Walter)*, sempre com applausos. A sua voz é bonita, e como cantora intelligente prophetisamos-lhe um risonho futuro.

A opera *Wally*, de Catalani, é uma partitura que revela talento; muito superior á *Lorely* do mesmo auctor, a sua musica é inspirada, traduzindo todo o drama, de si tão sentimental! Os trechos que mais nos agradaram foram: no 1.º acto, a *canção* tyroleza, e o duetto entre a *Wally* e o barytono, e o final do acto, paginas de musica deveras inspiradas e suggestivas! No 2.º, notaremos a dança de beijo e o duetto entre o tenor e *Wally*.

O 3.º acto é para nós o melhor, desde o preludio d'orchestra e todos os trechos cantados, é uma musica cheia de tristeza, em que a orchestra nos pinta o amor, o crime, o ciume em todo o seu poder! O 4.º acto é o mais fraco, a musica é monotona na generalidade, e não nos prendeu.

O desempenho foi harmonico. A sr.ª De Lerma, foi pouco dramatica para o papel da *Wally* nem a sua voz poude arcar com as escabrosidades da partitura.

Scafidi, um *Walter* gracioso e elegante, cantando sempre bem a sua parte; a *canção* foi em extremo bem cantada.

Mantelli, muito bem no seu pequeno papel.

Galeffi, sempre o barytono de bonita voz, cantando a sua parte de uma fórma admiravel.

Georgi, artista de voz agradavel, e cantando regularmente.

Dammaco e Niola, sempre artistas distinctos.

Mascheroni, d'esta vez, regeu bem a opera, que está bem ensaiada.

O scenario apropriado, excepto no 4.º acto em que foi vergonhoso!

O publico, como sempre ignorante, recebeu na primeira noite a opera com alguma frieza. Se fosse os *Palhaços*, de Leoncavallo, já gostava.

Em recita de carnaval cantou-se a *Viuva Alegre*, que agradou a gregos e a troyanos. A sr.ª Carmen Toschi foi uma *viuva* graciosa e boa cantora.

Scafidi, sempre elegante e cantando bem.

Rossi, muito bem, assim como Dammaco.

Real Teatro de S. Carlos

A cantora Emilia Scafidi

A orchestra é que foi mal; desafinada em extremo!!! Custa a crer, com artistas como ha por lá!

Trindade

Não quero deixar de falar no *Espadachim do Outeiro*, de Lopes de Mendonça e musica de Augusto Machado.

O libreto tem a grande qualidade de ser essencialmente portuguez; gostamos do 1.º acto e do 2.º, como reproducção dos nossos costumes antigos. O 3.º possue scenas descabidas que não nos agradaram.

A musica é d'uma inspiração muito delicada, e a fórma como está instrumentada marca mais uma vez o grande talento de Augusto Machado. Tem trechos lindissimos que nos encantaram deveras!

O desempenho é que foi algo fraco; francamente, nem temos vozes, nem escola! A peça está bem posta em scena, merecendo elogios a empreza Taveira.

Colyseu dos Recreios

Tem alcançado um grande successo a companhia infantil italiana. As operas, *Lucia*, *Sonambula*, *Traviata*, e a *Viuva Alegre*, *Geicha*, *Patifa da Primavera*, etc., têm merecido da critica os mais rasgados elogios.

Não queremos deixar de especialisar a gentil cantora Dora Theor, e a graciosa Lucia Costaldi, que possuem lindas vozes.

O tenor Gamba, assim como o barytono Panatta, e baixo Campione formam um conjuncto admiravel.

Os córos sempre afinados, e as peças ricamente postas em scena! E' caso de darmos os parabens ao nosso amigo o sr. commendador Antonio Santos.

A. Pinto (Sacavem).

As inundações em França

Carta de Paris

Escrevo hoje, 4 de fevereiro, quando a tormenta vae passada, ainda que não todo o perigo. Esta Paris febril, agitada pelos nervos da sua população ávida de sensações, apresentou agora um espéctaculo inteiramente novo aos seus habitantes, que lhes foi completa surpresa, imprevista, nunca esperada pelo parisiense de agora, o vêr o pacato Sena, quasi um modesto ribeiro, transbordar do seu leito á força das chuvas torrenciaes que se despenham das alturas, e invadir toda a cidade que fica proxima de suas margens. O Sena e todos os humildes ribeiros, aqui e ali, que recortam Paris, todos a subirem e alagarem as avenidas e as praças, as ruas e as viélas mais escusas, transformando a grande planicie em que assenta a cidade, num vasto mar onde as casas sobrenadam como em alguma povoação lacustre. Soberbo espectaculo que os parisienses a principio viram um tanto despreocupados do perigo que corriam só dominando-os a curiosa novidade, mas que pouco a pouco foram reconhecendo e avaliando toda a estensão do cataclismo que os feria.

Então outro sentimento os dominou, o da solidariedade que lhes deu coragem inigualavel para se defenderem num socorro mutuo que obrou prodigios de abenegação e de valor, principiando pelos recursos do Estado até ao mais humilde proletario, todos no afan de valer uns aos outros sem olharem a que todos corriam o mesmo perigo, e aquelles que em melhores condições se encontravam naquelle momento, poderiam dentro em breve ser vitimas tambem.

Nunca foi tão verdade o dizer-se que a desgraça aproxima e eguala os homens; aqui em Paris essa maxima teve plena confirmação, e mais a tem agora, quando os ricos vem repartir alguma coisa dos seus haveres, com os miseraveis que tudo perderam na cheia. Agora que as subscrições particulares vem juntar-se aos vinte milhões de francos votados pelo parlamento para acudir ás vitimas; agora que os Rothochilds subscrevem com cem mil francos, o presidente Fallières com vinte mil, os ministros com vinte mil tambem, os bancos e grandes companhias, todos concorrem com quantias importantes e o sindicato da imprensa, que abre uma subscrição, que já se eleva a mais de um milhão de francos.

Todos estes recursos e os mais que vierem, poderão atenuar a primeira miseria que se manifesta e acudir de pronto á fome que não espera; mas os prejuizos materiaes de muitas fabricas impossibilitadas de trabalhar, muitas oficinas aniquiladas, e que levará tempo a restaurar, devem trazer uma situação assaz penosa ao operariado sem trabalho, e com a perspetiva do encarecimento dos generos de primeira necessidade, como já começa a manifestar-se, não faltando, para maior mal, especuladores aváros que concorram para a fome.

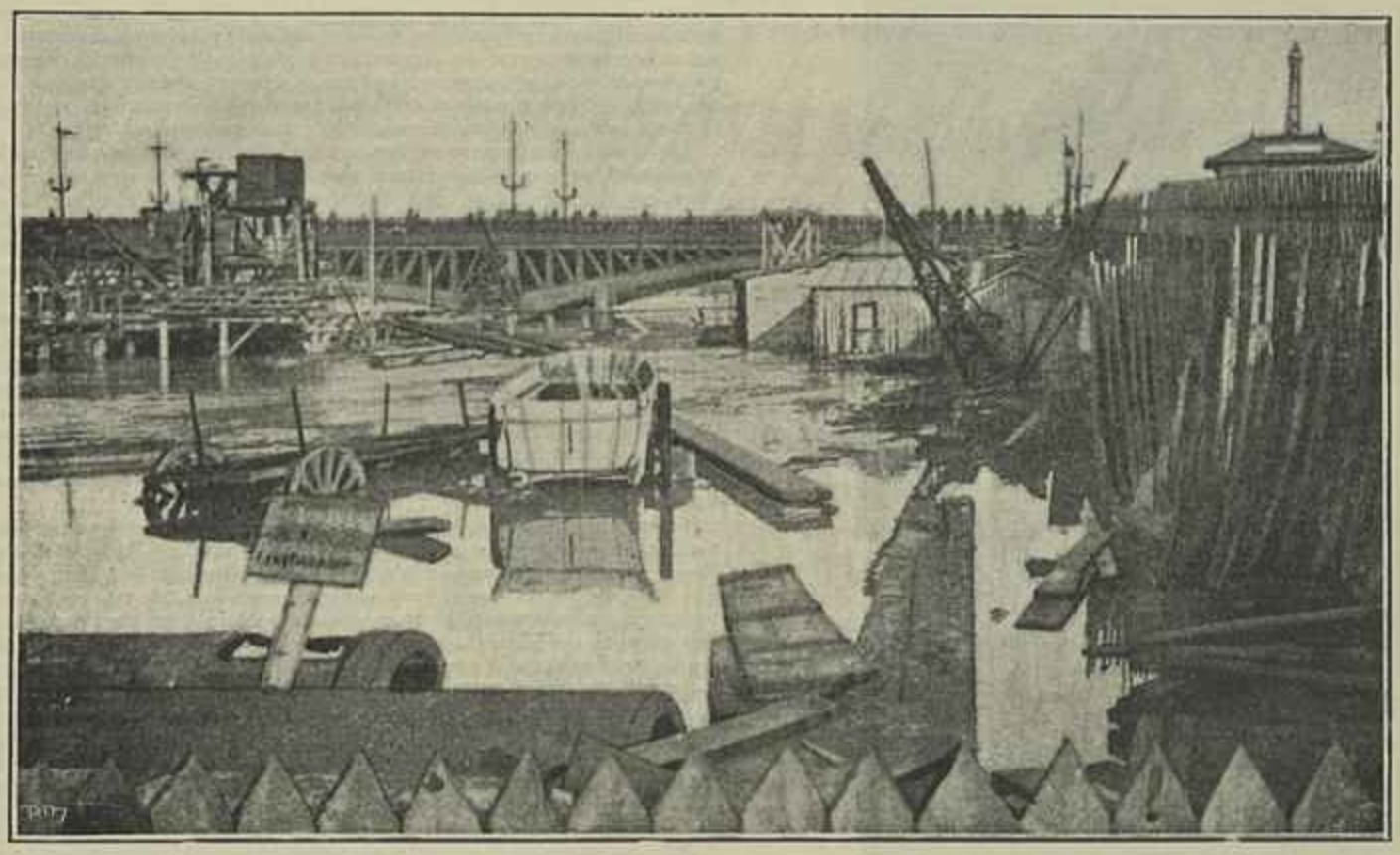
Se até a politica procura tirar partido desta desgraça! Não faltam politicos nos jornaes a increpar o governo pelas medidas tomadas, e, comtudo, mr. Briand tem dirigido com superior criterio todas as providencias para atenuar os efeitos desta calamidade publica.

O povo porém, não se deixa influenciar pela intriga politica, e vae colaborando com as autoridades, acatando as ordens superiores, sem a mais pequena divergencia, todos unidos para a salvação publica.

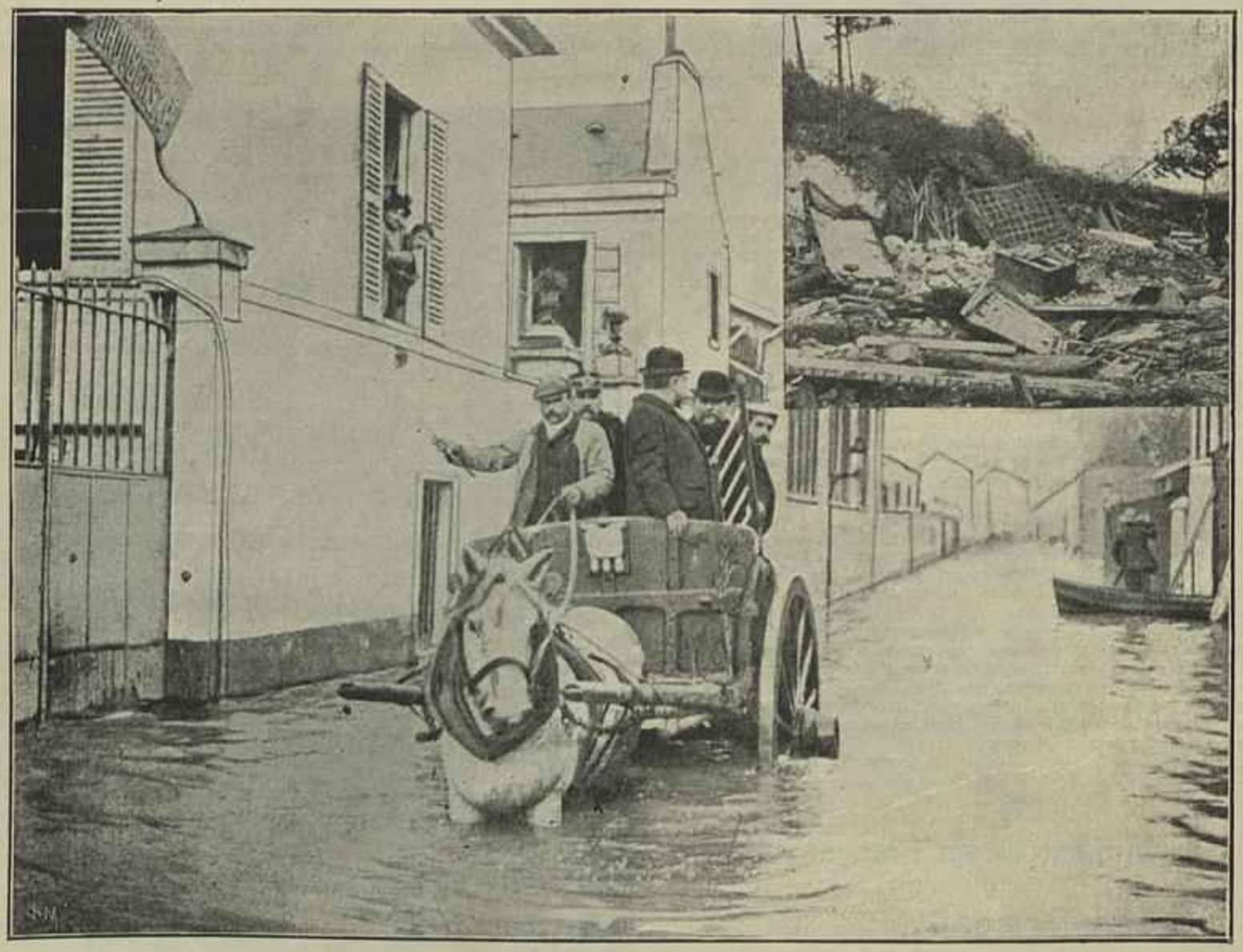
Não ha pouco que salvar e a que attender. Ahi sabe-se bem a estas horas, pelos jornaes e pelos telegrammas, toda a estenção da enorme calamidade. As inundações levaram a desolação a toda a França, desde que Paris, a sua grande cabeça e o seu grande coração, é o centro da catastrofe. O Sena e o Marne, sahindo dos seus leitos, submergiram as casas baixas e as aguas invadiram as caves. Os campos dos arredores de Paris estão alagados e as plantações arrasadas, arvores arrancadas pela raiz vão na corrente e as pequenas casas tambem,

A cantora Clara Joanna

As Inundações em França



O Metropolitano de Paris, inundado



EM AUTEUIL — Os membros do concelho municipal percorrendo as ruas, de carroça, para prestar auxilio aos inundados —Ruinas causadas pela cheia em Lorroy, onde foram encontrados nove cadaveres

(De fotografias)

O Carnaval em Lisboa

As Tunas

como aconteceu em Lorroy, onde sob os escombros foram encontrados nove cadavers. Vê-se tristemente que as perdas não são só materiaes, mas tambem ha vidas perdidas.

Auteuil, onde ainda ha pouco se realisavam alegres corridas e se disputou o *Gran prix*, está transformada num mar de tristeza, e muitos de seus habitantes não pódem sahir de casa, estando á mercê dos soccorros que lhes possam levar, especialmente viveres e pão, o que não é facil, faltando este ultimo alimento porque muitas padarias o não pódem fabricar.

As comunicações com Paris estiveram interrompidas porque as linhas férreas submersas e as barreiras abatidas não permitiam girar os comboios. Em frente da rua Gitse-Coeur abateu a abobada do caminho de ferro de Orleans e noutras linhas deram-se outros desmoronamentos que impossibilitaram todo o seu movimento.

Se fosse a enumerar todos os destroços produzidos pelas cheias, ialongaria demasiado esta carta, sem grande proveito dos seus leitores que na sua maior parte terá lido os telegrammas publicados dia a dia pelos jornaes.

Muitos que conhecerão Paris, onde frequentes vezes terão passado dias e até mezes, se agora aqui viessem sentiriam grande dôr pela tristeza em que vinham encontral-o, e que toda a vivacidade e alegria gaulêsa não consegue ocultar.

Começa agora a reanimação com o afastamento da tempestade, que durante uma semana assolou esta terra de gosos, onde todo o mundo vem procurar divertir-se.

Paris não esmorece facilmente, e eu vejo por toda a parte um trabalho incessante para fazer voltar tudo á vida normal. Os forasteiros, que diariamente entram e sahem desta capital, continuarão a sua peregrinação, momentaneamente interrompida, e, tomados de curiosidade, mais depressa hão de vir testemunhar os restos dos destroços.

O parisiense, que de tudo tira partido, achou logo meio de aproveitar o soberbo espectaculo que a inundação de Paris lhe proporcionava. Por todos os pontos da cidade, onde aquelle espectaculo oferecia melhores efeitos, viam-se individuos com machinas fotograficas assestadas, profissionaes ou amadores, que de tudo ha em quantidade, e em breves horas aparecia uma aluvião de postaes das inundações de Paris, que a estas horas correm o mundo e que já terão ido ahi parar, juntamente com fitas cinematographicas a desenrolar aos olhos do publico de todo o mundo.

L. C.

O CARNAVAL EM LISBOA

Com uns lindos dias de primavera, Lisboa assistiu ao seu Carnaval, sahindo todos para a rua na espectativa de vêr mascaras e brincadeiras carnavalescas, que lhes alegrassem o espirito triste.

E' natural que muita gente se risse, daquella que por qualquer cousa ri, mas a verdade é que de anno para anno a folia

A Tuna de Valladolid nos Paços do Concelho

Na Avenida da Liberdade, os carros enfeitados conduzindo meninas

(Instantaneos Alberto Lima)

carnavalesca perde terreno, num desalento que entristece, mesmo quando pretende fazer rir.

Nos bailes de mascaras onde ainda aparecia uma ou outra mascara espirituosa, que animava com os seus ditos ou com a estravagancia do seu traje imprevisto e engraçado, nem isso já se vê, não obstante a concorrencia do publico ser grande.

E' que todos, vão á procura do que, afinal, lá não se encontra: nem mascaras de geito, nem graça.

Quem esteve na Avenida, viu ali passar tudo que em Lisboa se mascarou e veiu para a rua mostrar-se.

Mas não teve muito que vêr nem que admirar. Apenas alguns carros muito modestamente enfeitados a flôres de papel, contrastando com algumas caras bonitas de meninas, que transportavam, e que afinal eram a unica nota mais agradavel e atrativa que o Carnaval poude dar.

A tuna de Valladolid trouxe alguma animação a Lisboa, como trazem sempre os nossos visinhos estudantes quando nos visitam. Logo á chegada do comboio a animação se manifestou na *gare* do Rocio, onde muitos estudantes de Lisboa e o colegio de Campolide os foi esperar com a sua banda, fazendo-lhes festiva recepção.

Nos Paços do Conselho, onde a Tuna foi cumprimentar a Camara, receberam-a os representantes do municipio muito afétuosamente, tocando-se o himno português e espanhol, no meio de grande entusiasmo.

A Tuna visitou varias sociedades incluindo a Associação Gallaica, La Fraternidad Espanhola e Juventude Galicia, as quaes lhes ofereceram um copo de agua.

E os lindos dias passaram sem que animassem um lindo Carnaval, que a despeito de todos os esforços até agora empregados, não ha modo de realisar nesta linda capital, onde não faltam flôres nem sol esplendido a amornar a benignidade do clima.

Quanto perde a economia nacional com este desleixo!

E' pêna.

Sobre os cometas

A aparição de um cometa no firmamento é sempre motivo de atenção geral, prognosticando o povo o facto de querer denunciar o falecimento de uma pessoa real, ou qualquer outro caso sinistro.

De ha muito, nos mortaes, data a superstição da aparição de um cometa, devido talvez á sua raridade e ao seu aspéto misterioso.

Os astrologos reputavam, ora como meteoros atmosfericos, ora como fenomenos celestes de pouca permanencia, os cometas. Para uns, eram exhalações terrestres inflamaveis na região do fogo, para outros, as almas dos grandes homens que subiam ao céu, e assim é que os romanos julgaram que o cometa aparecido no anno 43 antes de Cristo, justamente depois da morte de Cesar, não era mais do que a alma do ditador, subindo ao ceu. O historiador Suetonio atribuiu á influencia de um desses astros os actos infames de Nero, certificando que outro cometa annunciára a morte de Claudio. Segundo Dion Cassio, o mesmo acontecimento deu logar á morte de Vespasiano.

Os gregos tambem tiveram as suas crenças e assim segundo elles no anno 371 antes de Cristo, um cometa annunciou a decadencia dos Lacedemonios.

Tambem por morte de Constantino (336), Attila (453), Mahomet (632), Boleslau, da Polonia (1024). Henrique I, de França (1060), Ricardo I, de Inglaterra (1198), Filipe Augusto (1223), João Visconti, duque de Milão (1264), pápa Urbano IV, etc., apareceram no firmamento estes astros. A suporstição chegou a tal ponto que se chegaram a inventar cometas na morte de Carlos Magno e outros monarcas.

Conta-se que o astrólogo de Luis XI annunciára a morte de uma dama de quem o rei gostava, o que realmente sucedeu. O rei mandou chamar o feiticeiro, para o prender, mete-lo em um saco e deita-lo ao Sena. Apenas Luis XI o avistou, perguntou-lhe: «Já que és tão esperto, adevinha quantos annos tens ainda de vida?» Ao que o astrologo respondeu: «Senhor, morrerei tres dias antes de Vossa Magestade.» E foi assim que o adevinho se livrou da morte que lhe estava eminente.

A historia do presente não é, pois, senão uma reflexão da historia do passádo. Apesar da inteligencia do homem ter chegado a uma época de prosperidade, existe ainda uma camada intensa de ignorancia que faz prevêr áquelles astros idéas funestas.

Segundo diz Flammarion, com muito espirito, o medo dos cometas é uma doença periodica que volta, sempre que a aparição de um desses astros é anunciada com estrondo. Em nossos dias deu-se esse facto no regresso do cometa de Biela em 1832. Damoiseau annunciára a sua reaparição em 29 de outubro de 1832, antes da meia noite, devendo atravessar o plano em que a Terra se move. Todos julgavam o fim do mundo. A passagem do astro, segundo o calculo, devia efétuar-se no plano, um pouco para dentro da orbita da Terra, a uma distancia egual a quatro raios terrestres e dois terços; mas o que ninguem tinha previsto era em que sitio da sua immensa orbita, estaria a Terra, no momento em que o cometa a transpuzesse em um dos seus pontos. Aragó resolveu, pelo calculo, o assunto, indicando que a Terra só passaria pelo ponto onde o cometa cruzaria a orbita, justamente um mez depois do astro ter por ali passado, sabendo que a velocidade media da Terra na sua orbita é de 674 leguas por dia, e o cometa deveria passar a mais de 20:000 milhões de leguas da Terra. Foi o que sucedeu, e o mundo continuou a existir.

Em 1872 voltou novamente a pensar-se no fim do mundo pela aparição de outro cometa, mas a data passou sem catástrofe.

Ha cêrca de dezenove seculos, Seneca opoz a sua poderosa logica ás idéas supersticiosas dos seus contemporaneos, dizendo que os cometas se moviam em caminhos indicados pela natureza. A questão permaneceu, porém, durante muitos seculos sem solução definitiva, até que Newton achou a lei dos movimentos dos cometas, em 1680. Pelas leis da atração universal, o cometa descrevia uma curva muito alongada. Auxiliado por Halley, que se ocupou com dedicação do assunto, reconheceu-se que o mesmo cometa reaparecia mais tarde ou mais cedo, segundo a orbita que teria de percorrer e que o cometa de 1682 deveria reaparecer em 1758. A predição de Seneca realisou-se, demonstrando-se que os cometas descreviam orbitas regulares. O cometa apareceu de novo em março de 1758, um mez antes do dia indicado.

A orbita do cometa de Halley acha-se finalmente hoje determinada, e o astro reapareceu em 1835, afastando-se da Terra até 1873 e regressando em 1910, anno presente em que temos o prazer de tornar a vêr o seu brilho. Foi assim que os cometas passaram da lenda á realidade.

* * *

Quatro caracteres distinguem os cometas, dos planetas: 1.º, o aspéto nebuloso e as caudas — 2.º, as orbitas elipticas que percorrem — 3.º, a inclinação dessas orbitas — 4.º, a direção desses movimentos.

Um cometa é um ponto brilhante (nucleo), cercado de uma nebulosidade que segue uma direção particular com a fórma de rasto luminoso (cauda). A parte nebulosa que cerca o nucleo é a *cabelleira*. Nem todos os cometas teem estes caracteristicos, uns ha que teem muitas caudas, outros não teem cabelleira, etc.

O cometa só póde ser observado no céu, por tempo limitado, aquelle vae-se afastando sucessivamente da orbita da Terra até que deixa de ser observado, continuando a sua orbita eliptica ou parabolica.

Em o numero total dos cometas observados, apenas ha treze cuja periodicidade tenha sido verificada, e são elles por annuidades:

O cometa de Halley.....	76	annos
» » » Pons.....	71	»
» » » Olbers.....	73	»
» » » Tuttle.....	13	»
» » » Biela.....	6	»
» » » Faye.....	7,5	»
» » » D'Arrest.....	6,6	»
» » » Brorsen.....	5,4	»
» » » Wininecke.....	5,8	»
» » » Tempel-Swift....	5,5	»
» » » Tempel (1867)...	6,5	»
» » » » (1873)...	5,2	»
» » » Enck.....	3,3	»

Todos estes cometas periodicos, á excepção do de Halley, giram de Oeste para Leste, como os planetas.

Estes cometas periodicos são em geral invisiveis a olho nú; todavia, o de Halley e o de Pons eram visiveis sem auxilio de instrumento, e semelhando uma estrella de segunda grandêsa.

* * *

Uma massa nebulosa muito leve, cujo nucleo póde ser solido ou formado por aerolitos solidos, levados á encandescencia no perihelio mas cuja parte é formada de gazes, em que predominam os vapores de carbone, é um cometa. Essas massas tomam a fórma esferica, sem cauda nem cabeleira. Chegado ás regiões do Sol, o cometa dilata-se formando-se então o rasto caudal e a cabeça.

O cometa deixa de ser esferico, e torna-se oval, alongado na direção do Sol.

Este astro actua no cometa pela sua atração, pelo seu calor, pela elétricidade e magnetismo, e por uma força de repulsão.

As caudas dos cometas estão sempre do lado oposto ao Sol e são uma especie de sombra luminosa que anda e se curva levemente, como uma nuvem que se fórma e se evapora constantemente no rasto dessa sombra. Quando o cometa aparece no fundo do espaço dirigindo-se para o Sol, assemelha-se a uma massa nebulosa, redonda ou oval, e aproximando-se do fóco ardente, desenvolve o nucleo, cercado de uma atmosfera vaporosa alongada, cujo lado mais estreito está voltado para o Sol. E' esta a fórma definitiva dos pequenos cometas. O maximo do brilho dá-se dias depois de elle passar no perihelio, depois diminue, a cauda dissipa-se e o cometa é de novo uma simples nebulosidade.

O Sol produz, portanto, sobre estes astros, quando proximos, transformações importantes.

Que efeitos poderiam produzir o choque de um cometa com o nosso planeta? Uma mistura de acido carbonico ou outro gaz irrespiravel, resultando o envenenamento da especie humana, uma asfixia universal, uma explosão inesperada, uma elétrisação subita, um choque parcial ou universalmente mortal. São efeitos possiveis, no entanto, como na naturesa existe ordem e harmonia nos factos, quer passados no seio da Terra, quer fóra della, em todo o firmamento, é mais que provavel não termos a presencear catastrofe semelhante até que a Terra morra, e como o espaço é imenso e o nosso planeta anda com prodigiosa rapidez, o ponto do infinito que ocupamos em cada instante, é imperceptivel na imensidade. São estas as palavras de Flamarion exaradas na sua *Astronomia Popular*, e a ninguem melhor do que elle poderiamos conceder a palavra, a tal respeito.

Os destroços observados na naturêsa, aqui e ali, causados por um terremoto, por um raio da elétricidade atmosferica que fulmine instantaneamente um ou outro individuo, ou outro qualquer fenomeno atmosferico, ou do seio da terra, são apenas insignificantes parcellas do que se poderia passar, se o encontro de um cometa tivesse logar com a orbita do nosso planeta.

ANTONIO A. O. MACHADO.

Pelo mundo fóra

(Notas d'um curioso)

I

Leitor assiduo d'esta revista, cuja existencia é manifesto exemplo de tenacidade, dedicação, intelligencia e larga capacidade profissional do seu fundador, que tão altiva e nobremente a tem dirigido durante os trinta e dois annos da sua publicação, — notei desde ha tempo que n'uma illustração como O OCCIDENTE se tornava necessario introduzir uma secção, onde, resumidamente, se registassem os factos de mais accentuada importancia nas variadas manifestações da evolução humana mundial, embora, e seja dito em louvor do sr. Caetano Alberto, os acontecimentos mais notaveis do estrangeiro, para não falar nos de casa, tenham sido aqui devidamente registados. Mas o progresso social evidencia-se por tão multiplicadas fórmas, a sciencia especialisa-se e desenvolve-se d'um modo tão prodigioso, que não é possivel a uma revista, por mais meticulosa que seja, acompanhar todo esse assombroso movimento, cuja complexidade não caberia certamente no cerebro privilegiado d'um Aristoteles, d'um Leibnitz, — nem mesmo d'um Spencer, o maior encyclopedista dos modernos tempos.

Nenhuma revista póde ter essa pretensão, e

muito menos quando se trata d'uma publicação da indole da nossa. Ha, porém, factos de tão alto valor social, politico, litterario e scientifico, cujo registo se impõe a um *magazine* que, como este, constitue parte importante na leitura de muitas familias, que não devem ficar alheias ao que se passa nos vastos dominios do pensamento, vibrando cada vez mais intenso, mais fructifero e mais arrebatador.

Essa lacuna continuará por preencher emquanto não surgir um obreiro digno de tal empreza, que decerto receberia os applausos a que tinha direito.

Entretanto, e como é necessario lançar a idéa juntamente com a primeira pedra do fundamento basillar, para estimulo e exemplo dos menos ousados, parece-nos opportuno iniciar desde já essa secção, sob a modesta sub epigraphe que a encima, fazendo um resumo ligeiro do anno politico findo, em que a velha Europa desempenhou a parte primacial e por isso merecerá mais demorada attenção, convindo observar que, em tudo quanto escrevermos, dilligenciaremos abstrahir da nota pessoal, sempre irritante, mormente em casos d'esta natureza. O nosso trabalho é fructo unicamente de leituras de jornaes e revistas, d'onde, sempre que nos seja possivel, extrahiremos as *notas d'um curioso*, a que damos começo, embora anteciPadamente nos invada o receio de que a nossa idéas e torne importuna para os assignantes d'O Occidente.

* * *

O anno de 1909, cuja alvorada rompeu impallidecida pelos echos horripilantes da catastrophe de Messina e de Reggio, assignalou-se por um recrudescimento bem visivel da guerra europeia, prestes a desencadear-se do lado dos Balkans, onde existem fermentos de revolução.

D'esta vez foi a Bulgaria, principado vassallo da Turquia, que teve a velleidade de se proclamar independente pela bocca do principe Fernando. Ao mesmo tempo a Austria decide-se a annexar a Bosnia e a Herzegovina, duas provincias turcas, cuja administração a Europa lhe confiára ha trinta annos, e que ella, por um simples decreto, incorporou agora no seu imperio.

Tres nações ao mesmo tempo fazem aperceber suas attitudes bellicosas. A Turquia reclama compensações pelos direitos, embora meramente nominaes, de que a privaram. A Grecia, animada por esse exemplo, esforçava-se pela posse de Creta, que é grega e cuja aspiração unica é fazer parte do reino de Jorge I.

A Servia, que sempre havia sonhado ser um dia o centro d'um grande estado eslavo do sul, julgára-se a nação mais cruelmente tratada, considerando sempre a Bosnia e a Herzegovina, onde predomina o elemento servio, como devendo caber-lhe na partilha do imperio ottomano, ha um seculo annunciada.

A attitude da Austria despertou manifestações de intenso desespero patriotico por parte dos servios, que provocaram preparativos militares por parte d'aquella nação, que não passou das ameaças, devido aos bons officios das chancellarias.

A Russia apoiára as reclamações servias, para que se reunisse um congresso internacional, que decidisse a partilha, pois que, se tinha sido o congresso de Berlim que regulára a situação dos Estados Balkanicos, competia agora a um novo congresso regular as alterações que tal estado de coisas determinára. Essa idéa tinha o assentimento da Russia, da França, da Inglaterra e da Italia, mas tinha contra si a Austria, que, principalmente, não queria que n'essa conferencia se discutisse a annexação das duas provincias, origem do litigio.

A Austria tinha do seu lado a Allemanha, e a Italia não queria, de modo nenhum, abandonar as suas duas alliadas. Por seu turno a Russia não estava disposta a affrontar uma guerra contra a triplice, e a França inclinava-se para apoiar a sua alliada a favor da paz.

Impoz-se a tranquillidade forçada dos servios, com aprazimento da Austria, que lhes fez acceitar as mais dolorosas condições, como a annexação das duas provincias, renunciando para sempre á sua reivindicação e declarando que não tinham direito a nenhuma compensação.

A annexação da Bosnia-Herzegovina estava reconhecida por todas as potencias. A Turquia recebia alguns milhões em compensação, e, graças á triplice, estava conjurado o perigo d'uma conflagração geral.

O direito é que d'esta vez, como de muitas outras, foi letra morta.

J. A. Macedo d'Oliveira.

A casa submarina

por

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1119)

XIV

Um polvo monstro

Quando o doutor Gray acabou de pronunciar estas palavras, estavamos nós precisamente a um terço de milha da costa, e a umas tresentas varas approximadamente, d'aquelle charco, perto do monte, que tanto horror nos causára na noite em que fugiamos aos homens de Czerny.

A tempestade parecia ter varrido um pouco a atmosphera, mas o vento que soprava era de tal maneira quente, que quasi nos queimava a cara, sendo comtudo impotente para dissipar o nevoeiro.

Viamos o bosque e as pedreiras como que envoltos n'um véo de gaze, e passados momentos, apenas distinguiamos o companheiro que marchava á nossa frente, quando ia a pouca distancia.

Dir-se-ia que a natureza estava brincando comnosco, pois tão depressa um dos nossos soltava gritos de alegria por absorver o ar puro, como d'ali a pouco outro, se encontrava sem alento para poder caminhar.

Qualquer refugio, por terrivel que fosse, seria bem melhor do que aquelle logar, visto andarmos sempre entre a vida e a morte.

Mesmo o somno, aquelle somno fatal, não poderia ser peor do que a angustia em que andavamos.

— Doutor — disse eu correndo quasi sem força, para o alcançar — vamos para casa de Edmundo ou para onde quizer, comtanto que nos tire d'este maldito ambiente! Em parte alguma se poderá estar peor. Guie-nos, que iremos seja para onde fôr.

E os outros companheiros fazendo côro, exclamaram:

— Sim, sim, fujamos d'aqui!...

Estavam desesperados, pareciam loucos, tinham a pressa do homem que se encontra encurralado e pretende escapar ao perigo.

D'esta maneira, ia-se-nos a vida lentamente. Luctavamos, para ter ar, puro, para ter luz, por tudo.

Parece que ainda estou vendo Peter Bligh sem se poder ter em pé, vacilando a ponto de cair, gritando:

—A cratéra d'um vulcão seria um jardim dilicioso, comparado com isto: Vamos depressa, doutor, e guie-nos, porque estou quasi a ir ao fundo.

Depois de dizer estas palavras, deitámos a correr pelo bosque onde nos parecia que o nevoeiro era menos denso.

Vimos então coisas maravilhosas; tão maravilhosas que a minha penna não sabe descrevel-as.

Lá em cima, nos ares, bandos de passaros davam reviravoltas como estonteados, ou como se o céo estivesse inflammado. Voavam para um e outro lado, escurecendo a luz do sol, e de vez em quando, um ou outro, fechava as azitas e vinha cair morto aos nossos pés.

Outros animaes, como porcos, cabras, cães, etc, seres que pairavam pelas alturas ou que transitavam pelos valles, reunidos pelo terror, soltavam uivos e gritos lastimosos.

Até as proprias arvores pareciam queimadas pela tempestade! As montanhas faziam-se negras e o céo formava uma cupula de fogo.

Eu não sabia ao certo, o que Duncar Gray queria dizer, quando nos annunciou que iria levar-nos a casa de Edmundo Czerny.

Mas sabia que o doutor não dispunha da lancha, pois n'esse caso ter-nos-ia falado n'ella:

Tambem não julguei que elle nos propozesse ir a nado, porque não haveria homem nenhum capaz de se arriscar, por muito valente que fosse, a atravessar a corrente d'agua perto dos rochedos.

Demais, o caminho que seguia não era o da praia, mas sim o d'aquelle horrivel charco, onde tinha morrido um homem na fatal noite.

Emquanto eu pensava estas coisas, detevese o doutor em frente de um poço, aberto ao pé do esporão formado pelas rochas que avançavam pelo mar. Duncar Gray estava fatigadissimo de tanto correr, e o suor escorria-lhe pela fronte.

(Continúa.) Ricardo de Souza.

O Tropheu de Xadrez Luso-Britannico

Correu animadissima a nova lucta *(return-match)* que, na conformidade dos estatutos, se realisou, na ultima quinta-feira de janeiro, nos salões do palacio do conde de Obidos (onde tem a sua séde o Real Club Inglez) para disputar a posse do *Tropheu de Xadrez Luso Britannico*.

O presidente da Direcção do Real Club Inglez, sr. James Rawes, ao receber os socios do Gremio Litterario, disse, empunhando uma taça de *champagne*:

«Meus senhores: Brindo, primeiro que tudo «como não podia deixar de ser, a Sua Magestade «El-Rei D. Manuel, Sua Magestade a Rainha «D. Amelia e toda a Familia Real Portugueza; «brindo, sim, a El-Rei — o Chefe d'este paiz, cuja «hospitalidade nós os estrangeiros gosamos em «larga escala e da qual, constantemente, recebe-«mos provas irrefutaveis.»

Ouvido com muito agrado o venerando presidente do Real Club Inglez, foi o seu brinde enthusiasticamente correspondido com quadruplos *hurras*, findos os quaes s. ex.ª proseguiu:

«Regosijosamente cumprimento a v. ex.ª em «nome da direção do *Royal*, agradecendo esta «honrosa visita. A todos dirijo as mais sinceras «boas vindas a estas modestas salas.

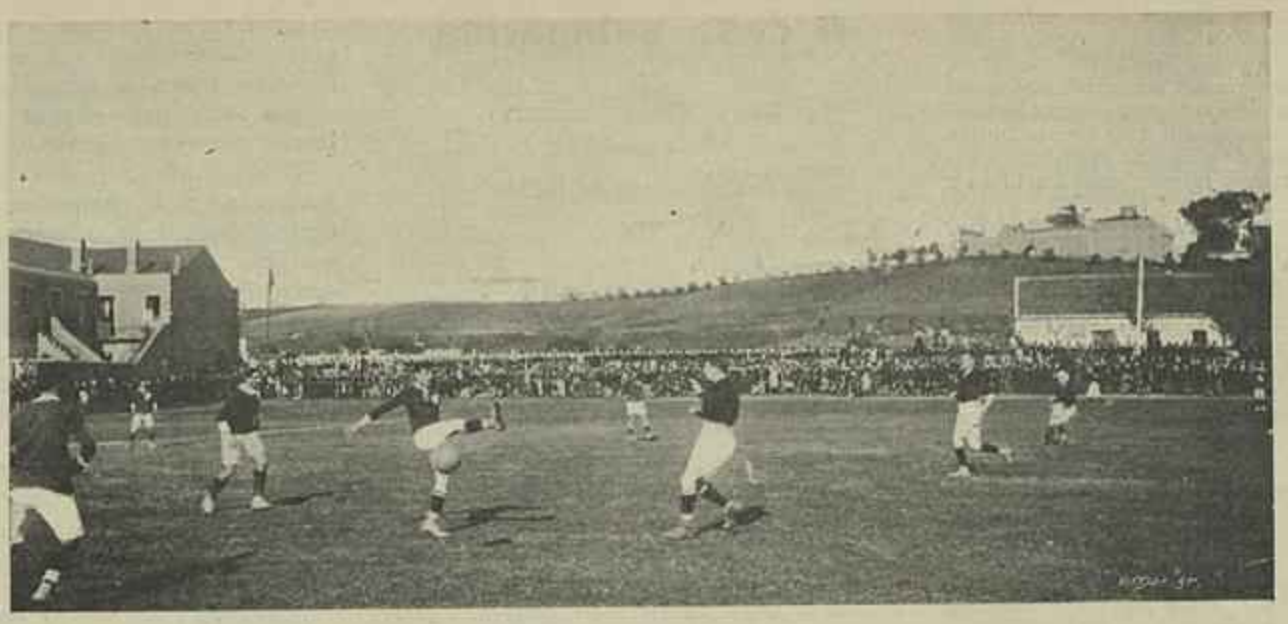
«Meus senhores: Acha-se exposta n'aquella pa«rede uma photogravura do *Tropheu de Xadrez*. «E' um objecto de arte; mas declaro a v. ex.ª «com toda a franqueza que nos não achamos satis«feitos, possuindo, apenas, uma pintura. Por isso «vamos disputar esta noite com v. ex.ª a posse «do cavalleiro de bronze

«Confesso que os combatentes do *Royal* se «acham desanimados e convictos de que sahirão «vencidos. Mas, vencidos ou vencedores, congra«tulo-me por saber que não ficarão prejudicados «os sentimentos de amizade e fraternidade que «existem entre os rivaes.

«Terminando, permitti que, em nome do *Royal*, «vos manifeste a esperança de que esta visita se «repita a miude no futuro e por longos annos.»

Achando-se presente o *leader* decano dos xadrezistas do Gremio, sr. vice-almirante reformado Torquato Machado, agradeceu s. ex.ª a saudação do Real Club Inglez, terminando por erguer um brinde a Sua Magestade El-Rei Eduardo VII e a toda a Real Familia Ingleza, brinde que foi correspondido com egual enthusiasmo.

Cêrca da uma hora da manhã o sr. Henry Mitchell (que declarou ter nascido em Portugal e contar acabar os seus dias n'este bello paiz), proclamou o resultado da lucta em que ficára, mais uma vez, vencedor o Gremio Litterario, por cinco partidas e meia contra uma e meia. Jogaram, pelo Club Inglez, os srs. Rawes Senior, Silley, Frazer, Marsden, Stanley Rawes, Riedman e Mitchell, contra os srs. Pereira Machado, dr. Ansur, dr. Fragoso Tavares, vice-almirante Macha-



O desafio do Sport Lisboa e Bemfica com o Carcavelos Club, em Bemfica

do, coronel de artilheria Graça, dr. João Maria da Costa e Alberto Veiga. O sr. Mitchell fez, em portuguez, um *speech* elegante e espirituoso muito apreciado pelo selecto auditorio. O serviço foi profuso e abundantissimo, tanto em vinhos, doces e outros repastos, como em tabacos e magnificos havanos.

Foi o que se chama uma noite feliz e de recordação indelevel para todos os que tiveram a fortuna de se achar presentes.

Desafio de Foot-Ball entre portuguêses e inglêses, em Bemfica

São os inglêses grandes jogadores do *foot-ball*, jogo muito seu, que usam como uma bella gimnastica de exercicio de força e destreza. Introduzido em Portugal este jogo desportivo, formaram-se varios grupos portuguêses, que têm sido sempre vencidos pelos inglêses, estabelecendo-se uma grande rivalidade, lutando valorosamente de parte a parte.

Num desafio, porém, ultimamente realisado em Bemfica, a vitoria coube aos portuguêses que venceram em toda a linha os seus rivaes.

O desafio foi entre o Carcavellos Club e o Sport Lisboa e Bemfica, na presença de mais de

O grupo portuguez, vencedor

cinco mil espectadores que se aglomeravam em volta do vasto campo do torneio.

Os grupos apresentaram-se constituidos da seguinte fórma:

Carcavellos Club — *Goal-keeper*, Durrant; *backs*, Peile e Law; *half-backs*, Lees, Mellis e Large; *forwards*, Hawey, Hawis, Preddle, Perkins e Villey.

Sport Lisboa e Bemfica — *Goal keeper*, Machado; *backs*, Mocho e Henrique; *half-backs*, Arthur J. Pereira, Cosme Damião e A. Costa; *forwards*, M. Lopes, Meyrelles, Luiz Vieira, Germano Vasconcellos e Josué Correia.

Os inglêses do Carcavellos Club tiveram logo no principio Preddle inutilisado, fazendo quasi todo o jogo com dez jogadores.

Os portuguêses desenvolveram extraordinaria energia, carregando sempre os adversarios e conservando bem as suas posições, fortemente atacados pelos inglêses, pois de parte a parte o jogo foi bem sustentado.

O resultado final do torneio foi a completa victoria dos portuguêses, no meio do entusiasmo geral dos espectadores.

Tomaram parte no jogo:

Pelo **Campo d'Ourique** — *Goal-keeper*, Ricardo del Negro; *backs*, Aldim e A. Ferreira; *half-backs*, J. Simões, C. Abreu e M. Pires; *forwards*, Levy, Jenochir, E. Simões, M. Simões, Simplicio Barreto e J. Costa.

Pelo **Internacional** — *Goal-keeper*, Barley; *backs*, Levy e Clyde Barley; *half-backs*, Boaventura Bello, Bernaud e Figueiredo; *forwards*, A. Costa, C. Burnay, Heraldo Ribeiro, A. Barreto e P. Duro.

Foi arbitro do torneio o sr. Daniel, do Sporting Club de Portugal.

Por fim houve *lunch* oferecido ao grupo inglês pelo Sport Lisboa e Bemfica, em que fôram feitos entusiasticos brindes, na melhor confraternidade entre os contendores.

Atelier Photo-Chimi-Graphico
P. MARINHO & C.ª
5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA
NUMERO TELEPHONICO, 829
Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

EMPREZA DE CARRUAGENS FIDELIDADE
Proprietario — JOÃO FILIPE DA FONSECA JUNIOR
Numero telephonico 500
Aluga Coupés, Mylordes, Caleches, Landaus e Clarences para todos os serviços
RUA DE S. BENTO, 46 — LISBOA
E no ESTORIL, Parque do Ex.mo Sr. José Vianna

Collegio Francês
Instituto primario e secundario
Auctorisado por Alvará Regio de 25 de julho de 1904
Rua de Nossa Senhora do Resgate, 6 (Avenida D. Amelia)
|| LISBOA ||
EDIFICIO PROPRIO E ESPECIALMENTE CONSTRUIDO PARA COLLEGIO
Matricula permanente de alumnos internos, semi-internos e externos, em todas as classes de instrucção primaria, curso dos lyceus, curso pratico do commercio, gymnastica, esgrima, musica, dança, etc.
Achando-se este instituto installado em edificio, que foi propositadamente construido para collegio, as suas condições satisfazem todas as exigencias da pedagogia e hygiene moderna. Dispõe de vastissimas aulas, amplos e arejados dormitorios, magnifico refeitorio, casa de banho com todas as commodidades e um excellente parque para recreio dos alumnos.
O corpo docente é composto dos mais auctorisados professores e os magnificos resultados dos exames, todos os annos são a mais segura garantia da nossa solicitude e escrupulo na escolha do professorado.
Enviam-se pelo correio prospectos do collegio, regulamentos e tabella das refeições.
O director e proprietario — ALFREDO DA COSTA E SILVA (Nomeado director por Alvará de 28 de dezembro de 1903)